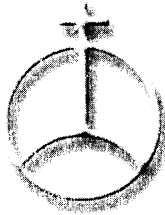


VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 5



PORTO ALEGRE, 2002

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 5 – Dezembro de 2002

Diretor:

Carlos Reis

Diretor Adjunto:

Sebastião Pinho

Conselho Redatorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ría Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébe; Ana Mafalda Leite; Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carmen Villarino Pardo; Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agró; Henri Thorau; Hillary Owen; Isabel Pires de Lima, Laura Cavalcante Padilha; Maria Elsa Rodrigues dos Santos; Onésimo T. de Almeida; Regina Zilberman, Sebastião Pinho, Solange Parvaux, Helder Macedo, Carlos Reis.

Redação:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Fax: (351) 239 410088; E.mail: ailusit@ci.uc.pt

Realização:

Coordenação – Regina Zilberman

Edição – Maria Isabel Daudt Giulian

Revisão – Carla Laidens; Miriam Chagas Kelm

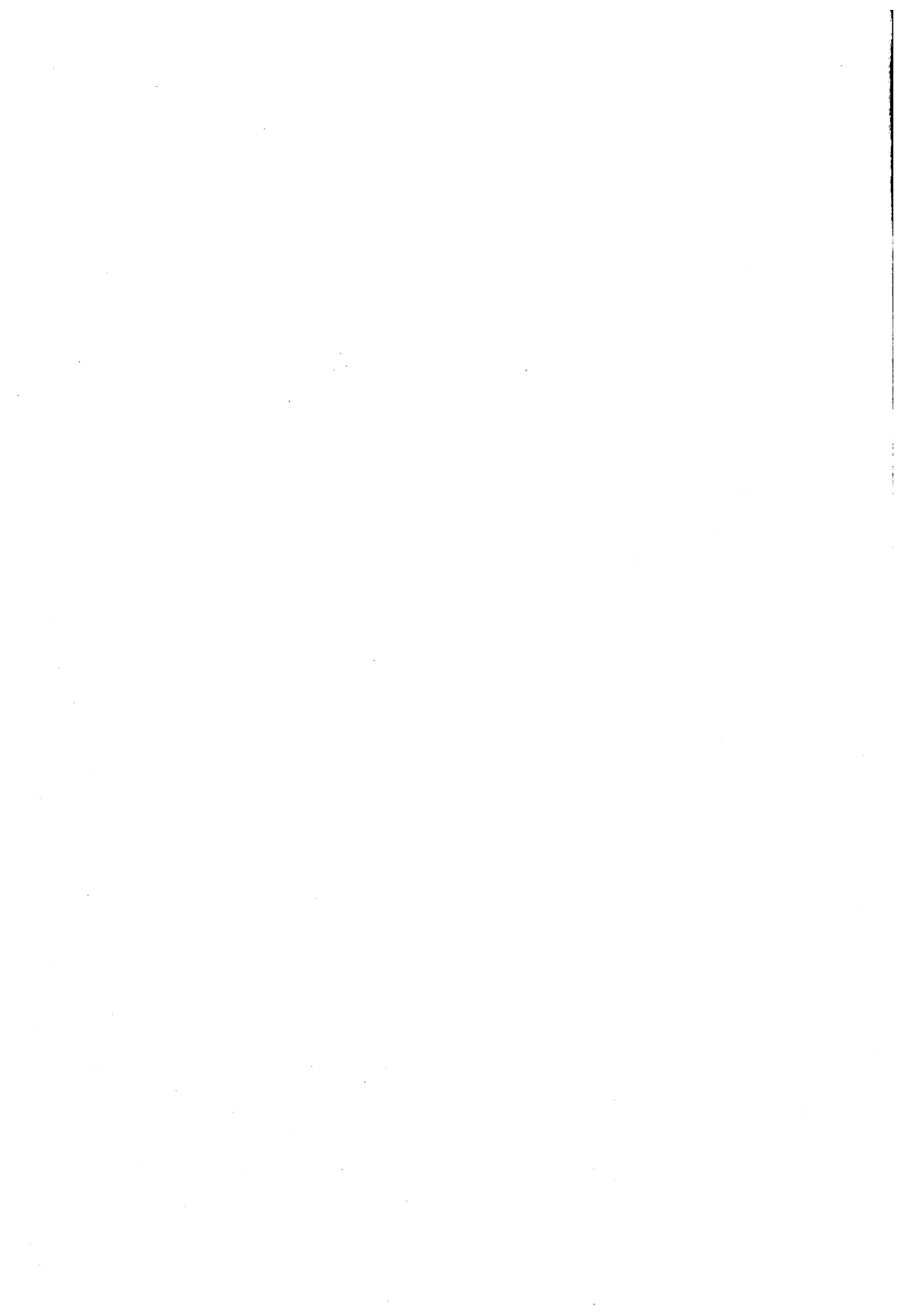
Autoria da capa:

Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Impressão e acabamento:

EDIPUCRS – Porto Alegre, Brasil

ISSN 0874-5102



ÍNDICE

ANNA KALEWSKA Czesław Miłosz (1911-2004) O poeta do “êxtase e transitoriedade” na tradução luso-brasileira	7
ANNE QUATAERT Mário de Andrade, Epstein e Marinetti em <i>A escrava que não é Isaura...</i>	25
DAVID G. FRIER Viagem para as Ilhas do Sul: uma leitura de <i>A caverna</i> de José Saramago	41
ELENA LOSADA SOLER Um tema do discurso anticlerical no romance realista-naturalista: <i>O poder da confissão</i>	55
HELENA PARENTE CUNHA Jorge Amado – Escritor dos marginalizados	67
JOÃO RIBEIRETE A casa e poesia. Uma leitura dos contos <i>Praia, O silêncio</i> e <i>A casa do mar</i> de Sophia de Mello Breyner Andresen.....	81
LAURA TEIXEIRA MILLER Aspectos da crítica brasileira: leituras da obra de André Gide .	89
LIDIA ALMEIDA BARROS A lógica lineana das nomenclaturas zoológica e botânica dos povos indígenas do Brasil	105

LUÍSA ALVES	
Os lusófilos ingleses da Primeira República: esboço biográfico da Aubrey Bell e Edgar Prestage	123
LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL	
A terra da permissão.....	145
MARIANA PLOAE-HANGANU	
Dependentes por palavras. Problemas de tradução	151
MARIE HAVLÍKOVÁ	
Um livro nos livros.....	157
MICHEL LABAN	
Estatismo e dinamização em <i>Chiquinho</i> , de Baltasar Lopes	165
OLINDA BATISTA ASSMAR	
Coñfluência de diálogos na obra dalcidiana	171
PAUL DIXON	
Gênero sexual e os paradigmas narrativos de Nélida Piñon	201
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA	
Na Lusitânia com Mário de Carvalho. História, paródia e ironia em <i>Quatrocentos mil sestércios</i> e em <i>Um deus passeando pela brisa da tarde</i>	211

Estatismo e dinamização em *Chiquinho*, de Baltasar Lopes

MICHEL LABAN

Universidade de Paris III, França

*O corpo, que é escravo, vai;
O coração, que é livre, fica...*

Anunciando o dilaceramento do homem de Cabo Verde dividido entre a obrigação de emigrar e a vontade de ficar, a epígrafe de *Chiquinho* apresenta as duas linhas principais que regem o romance – estatismo e dinamização. A confrontação dos dois eixos dá a medida das várias impossibilidades que caracterizam o arquipélago nos anos 30 e permite-nos reconsiderar a opinião que o escritor e crítico Mário Dionísio publicou em 1948:

Ao fim de trezentas páginas de *Chiquinho* há que convir em que o autor não conseguiu pôr de pé o seu romance. A ação sempre implícita num verdadeiro romance não chega aqui a urdir a sua teia. Trata-se mais de uma sequência de pequenas narrações que uma personagem central, Chiquinho, mal ou bem, vai unindo para nos mostrar Cabo Verde. As personagens – o que é manifesto em toda a primeira parte, não surgem da própria *acção* (sempre no sentido do romance), mas são apresentadas capítulo a capítulo, cortando constantemente a linha que, uma vez ou outra, tenta iniciar o seu caminho.¹

¹ DIONÍSIO, Mário. *Chiquinho*, romance cabo-verdiano, por Baltasar Lopes. *Vértice*, Coimbra, 54-5, p. 145-146, 1948.

Baltasar Lopes, de fato, quis mostrar-nos Cabo Verde, mas, acima de tudo, quis mostrar o estado de abandono do seu povo e, por conseguinte (embora discretamente, devido à censura salazarista), a indiferença da metrópole. Este objetivo (denunciar a situação social e, portanto, política), o autor atingiu-o através da própria estrutura do romance, recusando-se a urdir uma teia. Era precisamente significativo que as personagens não conseguissem realizar-se, que os projetos não tivessem sentido ou falhassem. O estado de debilidade em que se encontrava a estrutura social impunha esta estratégia narrativa.

Estatismo...

As personagens de *Chiquinho* encontram-se presas entre terra e mar. A terra, no contexto da seca, já não apresenta nenhuma perspectiva, e o mar só oferece uma saída a uma ínfima minoria – de que evidentemente não fazem parte os mais humildes, os enxadeiros:

O mar era uma abertura que os enxadeiros tinham para o mundo. Mas não saíam. Por isso sofriam mais. A enxada não permitia que eles fossem espreitar o mundo direito.²

É neste contexto que se forma a personalidade de Chiquinho. Graças ao dinheiro mandado da América pelo pai, ele tem uma vida relativamente protegida – “A América ajudava-nos a manter a pequena realza que exercíamos no Caleijão no meio da pobreza”.³ Depois do Seminário de São Nicolau, entra para o liceu de São Vicente e, acabados os estudos secundários, torna-se professor de posto. O encadeamento destas diferentes fases faz-se naturalmente, mas sem entusiasmo: “Eu deixava-me manobrar, sem vontade própria”.⁴ Vemos pois, que a estrutura temporal (infância, adolescência, etc.) não se caracteriza por nenhum acontecimento decisivo ou marcante. Assim, a ficção altera o menos possível o quadro da “realidade” social.⁵

² LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. São Vicente: Claridade, 1947. p. 246.

³ *Ibid.*, p. 113.

⁴ *Ibid.*, p. 254.

⁵ Este aspecto torna-se ainda mais evidente se compararmos *Chiquinho* com o trecho do romance de Manuel Lopes, *Os flagelados do vento leste*, em que as aventuras de Leandro, o pastor que se tornou bandido, acabam por diminuir a dramaticidade (social) da extinção da família que se agarrou à terra. A morte de Leandro, sozinho na gruta, tem no

... e Dinamização

Embora ligada à estrutura temporal (já que os deslocamentos do protagonista são determinados pela sucessão dos anos de estudo), a estrutura espacial consegue dinamizar a reflexão de Chiquinho e, por conseguinte, põe em relevo o estatismo da situação geral: isto acontece principalmente quando Chiquinho regressa à ilha natal e constata a inutilidade da formação que adquiriu. Observemos como o conceito de prenda (instrução) evolui ao longo do romance.

É na primeira parte, no meio da sociedade rural, que se atribui a maior importância à formação escolar: a biblioteca do pai, as recordações do seminário evocadas pelo tio Joca, a festa organizada para celebrar o fim dos estudos primários são provas desta consideração. Paradoxalmente, na segunda parte, na ilha de São Vicente, quando Chiquinho entra para o liceu e frequenta o Grêmio Cultural Caboverdeano, a prenda aparece desvalorizada: “Vocês aprendem hoje tanta coisa, e no cabo não servem para nada”⁶ – repara nhá Cidália, queixando-se do marasmo em que vivem as ilhas; e Chiquinho, no momento de regressar a São Nicolau, faz um balanço bastante pessimista dos anos que passou a formar-se: “Não pude vislumbrar para que me ia servir o meu diploma”.⁷ Efetivamente, na terceira parte, Baltasar Lopes mostra-nos o fosso que se criou entre o povo – admirador do menino esperto que tem “tanta prenda na cabeça”⁸ – e Chiquinho que se sente cada vez mais só: “A prenda que tinha na cabeça estabelecia o vácuo à minha volta”.⁹

Naturalmente, Baltasar Lopes não preconiza que se voltem as costas à instrução! Mostra simplesmente que, num contexto de imensa miséria, até a prenda pode parecer inútil. É graças à organização da estrutura espacial (ida e volta de Chiquinho) que este aspecto se torna evidente.

Mário Dionísio lamentava que a narração não se tivesse organizado à volta de uma teia romanesca. Já vimos que esta caracterís-

fundo uma função de distração em relação à “realidade” social, tão densamente retratada na primeira parte do romance.

⁶ Ibid., p. 150.

⁷ Ibid., p. 207.

⁸ Ibid., p. 211.

⁹ Ibid., p. 237.

tica refletia justamente a situação de abandono em que se encontravam as ilhas. Notemos, no entanto, que Baltasar Lopes dispôs alguns capítulos de maneira a produzirem contrastes expressivos do desequilíbrio social: é o caso, por exemplo, das festividades por ocasião da recepção do governador, que se opõem ao desespero do carvoeiro João Col; ou, ainda, da alegria artificial do Carnaval, que se sobrepõe à miséria de Parafuso. Outros capítulos organizam-se numa relação de continuidade – mas que nunca desemboca numa realização: pensemos na ligação entre Chiquinho e Nuninha, na aventura do Grêmio ou, ainda mais nitidamente, na história de Parafuso. O único projeto que domina o romance da primeira até à última página e que, ajudado pela progressão da crise, acaba por se concretizar, é a partida de Chiquinho para a América.

Como considerar esta partida? Tratar-se-á de mais uma dinamização destinada a sublinhar a total ausência de esperança no arquipélago dos anos 30? Nesta perspectiva, aliás sugerida por duas personagens do romance, José Lima e sobretudo Euclides Varranda, emigrar é ir procurar fora da terra as forças necessárias para um regresso dinâmico, construtivo. Ou tratar-se-á de uma fuga perante a luta que deve ser organizada no próprio chão das ilhas? É o ponto de vista de Andrezinho, o líder do Grêmio Cultural: “Vai tu, se queres. Eu fico. Tenho cá muito que fazer”.¹⁰ O caráter de Chiquinho, a sua maleabilidade perante as decisões do meio familiar, levam-nos a escolher a segunda hipótese. Mesmo se se sente atraído pelas perspectivas de “conhecer novos mundos”, mesmo se na América pensa poder realizar todas as suas “virtualidades”.¹¹ Chiquinho ainda não tem a força necessária para pensar num regresso militante. Esta consciência, talvez venha a adquiri-la na América.

Voltando às ilhas, é interessante observar como Baltasar Lopes constrói um dos casos mais claros de dinamização, no fim da terceira parte, depois de vários capítulos consagrados à progressão da fome e da morte: trata-se do levante do São João. O líder da revolta, Chico Zepa, já emigrou para a América, e esta experiência, aliada ao seu caráter indisciplinado, dá-lhe uma consciência mais desenvolvida da injustiça social. Encabeça o tumulto, mas o povo recua no último momento, frente à porta arrombada de um comerciante.

¹⁰ Op. cit., p. 290.

¹¹ Ibid., p. 290.

O sentido da propriedade é mais forte que a fome. A conclusão de Chico Zepa – “Pobre é como filho de gafanhoto. Nasce com as asas verdes, mas depois vira cinzento, cor de nada... Pobreza é escarrador de todo o mundo...” – aplica-se em geral à situação das ilhas nos anos 30 e, explica também, indiretamente, a partida de Chiquinho.

Deixamos para o fim o aspecto que nos parece mais conseguido na estratégia de dinamização aplicada por Baltasar Lopes: a expressão lingüística. Com efeito, não só os diálogos, como a própria narração, se fazem numa língua que resulta da síntese do português e do cabo-verdiano. Esta síntese, que é artificial (na medida em que ninguém se exprime assim em situação normal), dinamiza a cultura popular, afirmando a personalidade das ilhas numa perspectiva de reivindicação. Dar um estatuto literário a uma língua de origem popular, num país colonizado, quando a única norma aceite é a da metrópole, equivale, por si só, a uma declaração de autonomia cultural; mas, com este instrumento, denunciar a miséria do povo, assim como a indiferença da autoridade, já tem um significado mais precisamente político. Nesta perspectiva, não podemos deixar de dar um alcance nacional ao grito de Chico Zepa frente ao administrador:

Gente, vamos governar a nossa vida, porque ouvidos de filho-de-parida não nos querem ouvir gritando fome!¹²

Não é justo, portanto, afirmar, como o fez Mário Dionísio, que Baltasar Lopes “não conseguiu pôr de pé o seu romance”. Aliás, será que existe um modelo de romance, com regras precisas? O certo é que a maneira como *Chiquinho* está estruturado (com a sua aparente ausência de teia romanesca) é profundamente significativa de uma situação geral, política, que ultrapassa as capacidades dum protagonista ainda jovem e, de qualquer maneira, sempre protegido pela possibilidade de recorrer à emigração.

¹² Ibid., p. 281.

